

MOBY DICK



HERMAN MELVILLE

MOBY DICK

Herman Melville

Índice

- I - A ESTALAGEM DE A-BALEIA-QUE-FUMA 5
- II - DOIS AMIGOS 16
- III - O MEU BELO NAVIO 23
- IV - O CAPITÃO ACAB 31
- V - TODOS À POPA! 40
- VI - O JACTO FANTASMA 47
- VII - FUNERAL DE UM CACHALOTE 58
- VIII - A HISTÓRIA DO TOWN-HO 64
- IX - O DONZELA 78
- X - UM FRANCÊS: O BOTÃO DE ROSA 90
- XI - O RÉPROBO 100
- XII - O DOBRÃO 114
- XIII - A PERNA DE ACAB 124
- XIV - QUEEQUEG NO SEU ESQUIFE 131
- XV - O PACÍFICO 139
- XVI - O TUFÃO 151
- XVII - A CORRIDA PARA O ABISMO 168
- EPÍLOGO 191

I A ESTALAGEM DE A-BALEIA-QUE-FUMA
Chamem-me simplesmente Ismael. Aqui há uns anos - não me peçam para ser mais preciso - tendo-me dado conta de que o meu porta-moedas estava quase vazio, decidi voltar a navegar, ou seja, aventurarme de novo pelas vastas planícies líquidas do Mundo. Achei que nada haveria de melhor para desopilar, quer dizer, para vencer a tristeza e regularizar a circulação sanguínea. Algumas pessoas, quando atacadas de melancolia, suicidam-se de qualquer maneira. Catão, por exemplo, lançou-se sobre a própria espada. Eu instalo-me tranquilamente num barco. O que nada tem de espantoso. Os homens não se dão conta disto, mas todos, em certo momento da vida, sentiram pelo mar um amor tão profundo como o meu. No entanto, não é como passageiro que navego. É como simples marinheiro. Porquê? Porque fazem questão de me pagar pelos tormentos que eu passo a bordo, e também porque a profissão do mar é a mais bela, a mais saudável que

conheço. Uma última pergunta. Como me surgiu a ideia, a mim que nunca tinha viajado senão em navios mercantes, de fazer uma campanha de pesca à baleia? Após madura reflexão, creio compreender as razões que me levaram a lançar-me nesta aventura. Em primeiro lugar surge a formidável imagem da baleia, monstro impressionante e misterioso,

5

que sempre povoou a minha imaginação. E, além disso, tinha vontade de ver os oceanos selvagens onde os grandes cetáceos rolam nas ondas as suas massas comparáveis a ilhas vivas.

Queria iniciar-me nos perigos que eles fazem correr àqueles que os desafiam. Quantas vezes, nos meus sonhos, contemplei procissões de baleias, pelo meio das quais deslizava uma espécie de fantasma embuçado, semelhante a uma colina coberta de neve? Enfim, esperava maravilhas das paisagens e dos ventos da Patagónia. Em suma, tudo me impelia a não lutar contra o impulso do meu desejo.

Resumindo, meti algumas camisas no meu velho saco de marinheiro e, sem mais demora, pus-me a caminho do cabo Horn e do oceano Pacífico. Isto é, parti primeiro de Manhattan (1), onde residia, e dirigi-me para New Bedford, no Massachusetts. Quando cheguei a New Bedford, num sábado à tarde, em pleno mês de Dezembro, tive a desagradável surpresa de saber que o pequeno veleiro que servia a ilha de Nantucket já levantara ferro e que me seria preciso esperar a sua volta até à segunda-feira seguinte. Como empregar o meu tempo durante estes dois dias? Porque eu estava mesmo decidido a alcançar Nantucket, berço dos baleeiros americanos, ponto de partida das mais antigas expedições.

A noite estava não apenas escura, mas muito fria. Parei perto de um marco, com o meu saco ao ombro. Depois, meti a mão ao bolso e tirei algumas moedas.

Meu velho Ismael - disse comigo, olhando para todos os lados -, é indispensável que encontres um sítio para dormir. Mas não

sejas muito exigente. E, sobretudo, informa-te do preço antes de escolheres uma estalagem!

Num passo hesitante, pus-me a caminhar pelas ruas e passei sucessivamente por várias estalagens onde me pareceu mais sensato nem sequer parar, de tal modo me pareciam sumptuosas.

1 Quando Herman Melville escreveu Moby Dick, em 1850-1851, Manhattan não era ainda o bairro dos arranha-céus de Nova Iorque. (N. do T.)

6

Enfim, já perto do porto, para o qual me dirigira instintivamente, vi de súbito num halo de luz uma tabuleta que balançava, rangendo. Representava um jacto de vapor de água, e por baixo podia ler-se: A-Baleia-que-Fuma, Peter Coffin, proprietário. Esta estalagem, de fachada deteriorada e decadente, não era nada convidativa. Mas, dado o estado das minhas finanças, não seria exactamente o abrigo que eu procurava? Empurrei a porta. À claridade de uma lanterna suspensa do tecto, vários

marinheiros, sentados em volta de uma mesa, bebiam em silêncio. Aproximei-me do dono e disselhe:

- Eu queria um quarto. - Impossível - respondeu ele -, está tudo ocupado.

Depois, batendo na testa:

- Um momento! O senhor vai à pesca da baleia, não é? Nestas condições, veria inconveniente em partilhar a cama de um arpoador? Para se habituar desde já aos seus futuros companheiros, não é verdade? A perspectiva de dormir com um homem que eu não conhecia não me agradava nada. Mas, por uma simples esquisitice, ia ficar condenado a errar toda a noite numa cidade em que punha os pés pela primeira vez?

- Quem é esse arpoador? - perguntei. - Oh! Um bom tipo... - Sendo assim - respondi num tom resignado -, aceito. - Muito bem. E agora, sente-se. Vou servir-Lhe uma boa ceia.

Instantes mais tarde introduziu-nos, aos outros clientes e a mim, na sala ao lado. Ali, a atmosfera glacial era ainda mais sombria

do que no bar. Aquela sala, com efeito, tinha apenas duas candeias a iluminá-la. Quanto à chaminé... vazia! Vendo a minha surpresa, o estalajadeiro explicou-me: - A lareira é um luxo que eu não posso permitir-me...

Para me aquecer não achei outra forma senão abotoar o meu blusão e segurar com as duas mãos a chávena de chá a esaldar.

7

Porém a ceia revelou-se das mais substanciais. Havia carne, batatas e, com grande espanto meu, dumplings (1)! A meu lado um jovem marinheiro de blusão verde - perdoem-me a expressão - empanturrava-se!

- Ouve lá - disselhe o estalajadeiro -, se não comes a ter mais juízo, não te livras de uma indigestão!

- Oh! Não - murmurei -, é aquele o meu arpoador?

- O seu arpoador, como Lhe chama não é um branco. - Disse o estalajadeiro com um sorriso que me pareceu diabólico. - E, além disso, nunca come dumplings. Só gosta de

bife... e muito mal passado!

- Caramba!... E onde está ele agora? - Não está na sala de jantar. Mas não tardará a conhecê-lo.

Terminada a ceia, voltámos para o bar. De súbito, ouviu-se à entrada uma barulheira enorme.

- É a equipagem do Grampus! - exclamou o patrão. - Três anos de ausência. Ora viva, rapazes! Vamos ter enfim as últimas notícias das ilhas Fiji!

Arrastando pesadas botas, os marinheiros do Grampus embuçados em peles, como ursos do Labrador, entraram no bar e dirigiram-se sem hesitar para a bocarra da baleia - quero dizer para o balcão -, onde Jonas - quero dizer, o patrão - se pôs a encher-lhes copos uns atrás dos outros. Passados uns minutos, já com o álcool a subir-lhes à cabeça começaram a fazer algazarra, a gesticular e a entoar desastradamente canções do mar.

Reparei no entanto que um deles parecia resolvido a não participar da alegria geral. Tratava-se de um rapagão com mais de um

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

